

As Idades da Anatomia Artística



Isabel Ritto

A Arte tem acompanhado a mudança que se tem verificado ao longo das diferentes épocas da história da Humanidade e certamente continuará a sofrer transformações decorrentes da evolução humana. Sendo o corpo humano um dos motivos mais representados sob o ponto de vista artístico para a maioria das civilizações, o seu estudo tem merecido a atenção por parte dos artistas desde os tempos mais remotos.

O entendimento das estruturas complexas no domínio da representação artística depende do conhecimento da morfologia do corpo humano, num plano descritivo e num plano funcional. Faz parte da prática artística tradicional a conjugação da observação com o entendimento da realidade estética que assume prematuramente um carácter científico ligado ao estudo do corpo humano.

Desde o Renascimento até finais do século XIX, a tradução da Natureza no domínio das artes resulta de uma aproximação da Arte e da Ciência, aproximação essa que está na origem do aparecimento da Anatomia Artística como área do conhecimento autónomo que chegou aos nossos dias. Hoje, a Anatomia Artística

é uma área interdisciplinar com relevância em áreas de conhecimento como Belas-Artes, Arquitetura, Antropologia, Medicina, Ergonomia, Teatro e Dança.

O corpo, que para o artista reveste um tão grande interesse, é estudado pelo médico com o intuito de lutar contra as patologias que o ameaçam e contra a morte. Médicos e artistas estudam Antropometria (*Gr. Medidas do Homem*), Morfologia (*Gr. Estudo da Forma*) e Anatomia, nome que deriva também do grego Tomos=Cortar e Ana=Repetir, o que corresponde ao seu primitivo e fundamental método de estudo: a disseção cadavérica. Médicos e artistas assistindo a disseções, estudando e cooperando no sentido de adquirir novos conhecimentos e fazer o respectivo registo gráfico, tornou-se uma realidade na Europa desde a alta Idade Média, realidade que se mantém ainda hoje.

Surgem novos métodos de apoio ao estudo da Anatomia, como a técnica de plastinização do corpo. Os métodos de imagiologia como a ressonância magnética permitem visualizar as estruturas anatómicas como se dissecássemos um corpo vivo, usando uma tecnologia que é totalmente inócua para a pessoa examinada. No entanto, não substituem a dissecação, quer se estude Anatomia Normal ou Anatomia Artística.

Nestes 50 séculos de história do conhecimento do corpo humano, na civilização ocidental, que incluem os conhecimentos das civilizações pré-clássicas e clássicas até aos dias de hoje, houve períodos em que os conhecimentos do corpo se baseavam muito na morfologia e os artistas desempenharam um papel fundamental. Assim sucedeu no Egito e na Grécia. A origem da Anatomia perde-se na noite dos tempos, pois já no Antigo Egito as técnicas do embalsamamento revelam um conhecimento do corpo humano.

Por outro lado, os primeiros antropometristas foram artistas que aplicaram os seus conhecimentos à realização das suas obras. Os artistas egípcios desenvolveram sistemas de proporções, relacionando as medidas das diversas partes do corpo. Estas regras, ou cânones, são retomadas pelos gregos.

Os conhecimentos anatómicos dos gregos eram muito reduzidos, porém foram profundos conhecedores da morfologia.

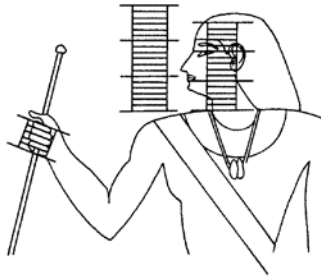


Fig. 1 — Parte superior da cabeça de Ibi mostrando as proporções da cabeça, relacionando-as com a largura da palma da mão. Fig. 2 — Policleto — O Dorífero. Fig. 3 — Lísipo — O Apoxímenos.

As horas dedicadas à prática desportiva, a exaltação da beleza do corpo, o facto de os atletas treinarem nus, permitiram aos artistas a aquisição de conhecimentos de Anatomia de Superfície e da anatomia do corpo em movimento.

A figura humana constituiu o tema central da arte grega. O artista não pretendia reproduzir a forma individual, antes procurava, através dela, a proporção divina que rege o Cosmos. Acreditava-se que poderia ser encontrado um sistema matemático que permitisse a definição da beleza humana, relacionando-a com a ordem cósmica. No ideal grego, o universo constituía um conjunto harmoniosamente ordenado. O sustentáculo matemático desta ordem, o número de ouro, é uma fração que pode ser aplicada a formas geométricas complexas. A proporção áurea foi descrita no século V AC pelos Pitagóricos, e um pouco mais tarde por Euclides.

Uma vez que a proporção áurea se repetia na natureza, a satisfação estética estava criada quando ela era usada na arquitectura e na arte. A sua presença na forma humana ideal confirmava que nos encontrávamos perante mais uma prova da perfeição matemática do universo. Utilizando a altura da cabeça como unidade de medida, a altura total de um homem de estatura mediana é de aproximadamente 7,5 cabeças. Policleto legou-nos o seu cânon de proporções na figura do Dorífero, cujo fundamento teórico escrito infelizmente se perdeu. Posteriormente Lisipo, no Apoxímenos, criou um novo cânon, em que a altura total do corpo é de oito vezes a altura da cabeça.

Há controvérsia acerca da prática da disseção na antiga Grécia, mas ela era praticada na escola de Alexandria (séc. IV-III a.C.) e a produção artística no período Helenístico poderá ter sido influenciada pelos novos conhecimentos. A expressão das emoções através da mímica facial e corporal faz uso de um conhecimento pormenorizado da anatomia dos músculos.

Os estudos anatómicos receberam um grande incremento com Galeno (129-199), médico de Marco Aurélio e assistente nas arenas romanas, onde os corpos mutilados dos gladiadores ofereciam amplo material de estudo. Terá dissecado macacos e estendido erradamente algumas conclusões dessas observações ao corpo humano.

À queda do Império Romano do Ocidente segue-se a transferência dos saberes para Leste (Síria, Pérsia, Arábia), onde os escritos de Galeno são traduzidos para Árabe. Na Europa a medicina galénica reinou como um dogma durante 13 séculos, até ao séc. XVI. A dissecação terá sido retomada na Universidade de Bolonha (fundada em 1156).

Mondino da Luzzi (1270-1326) é considerado um restaurador da Anatomia. Em 1306 e 1325, Mondino de Luzzi (1270-1326), professor em Bolonha, considerado o restaurador da anatomia, praticou autópsias públicas. A sua “Anatomia”, escrita em 1316, foi o primeiro manual prático de Anatomia. Mondino preferia efectuar pessoalmente as disseções, descendo da cátedra e sendo o seu próprio preparador.

O Renascimento, época das grandes descobertas, traz-nos uma pleíade de figuras notáveis. Albrecth Dürer efectuou, com perseverança teutónica, medições em “duzentas ou trezentas pessoas vivas” e publicou os resultados nos *Vier Bücher von Menschlicher Proportion, Quatro Livros sobre as proporções do Corpo Humano*. Representam uma pedra basilar nos alicerces da Antropometria. Quando Dürer iniciou os seus estudos como teórico de arte e se debruçou sobre as medidas do corpo e da face humanas, o seu móbil era a procura da beleza, das medidas antropométricas que poderiam definir as formas belas. Acabará por concluir que “a beleza, o que ela é, não o sei eu”.

Miguel Ângelo assistiu a disseções e trabalhou em colaboração com o anatomista Realdo Colombo. Leonardo, artista e anatomista, terá dissecado cerca de 3 dezenas de cadáveres. Os seus desenhos e anotações destinavam-se á publicação de um livro de anatomia, o “Livro do Homem”, que ultrapassaria Mondino. Ter-se-ia igualmente antecipado a Vesálio. Talvez a morte do seu amigo e anatomista Marco António della Torre tenha sido um dos fatores que o impediram de concluir este projeto.

Em 1521, Berengário da Carpi, professor de Anatomia em Bolonha, publica o primeiro compêndio ilustrado de Anatomia, onde aparecem esquemas e desenhos, para alguns dos quais colabora um seu doente, Benvenuto Cellini. Numa segunda publicação,



Fig. 4 — Berengario da Carpi, *Isagogae Breves*, 1523. Fig. 5 — Bernardino Genga — *Anatomia per uso e intelligenza del Disegno*, 1691.

em 1523, *Isagogae Breves*, recomenda o estudo das suas gravuras anatómicas representando os músculos de superfície aos cirurgiões, como guia para conhecimento dos tendões mais vulneráveis, e aos artistas como uma ajuda para uma correta representação do modelo. Podemos ver uma representação dos músculos abdominais, cujo protagonismo é um pouco apagado pelos dramáticos raios luminosos que irradiam do corpo.

Vesálio (Anders Vésale) (1514-1564) nasceu em Bruxelas¹ e desde muito jovem se interessou pela Anatomia. Estudou em Louvain, depois em Paris, onde foi aluno de Günther e Sylvius², anatomistas ilustres, seguidores de Galeno. Mas Vésale queria ajuizar por si³, com os seus olhos e a sua razão. Atraído pela fama da Universidade de Pádua, para lá se deslocou e, em 1537, foi nomeado professor daquela Instituição. Aboliu os “demonstradores” e os “ostensores” e executava pessoalmente as dissecções, o que não tinha conseguido fazer no ambiente conservador da Universidade de Paris.

A escola de Medicina de Pádua era então um dos polos da anatomia na Europa, beneficiando da confluência de duas correntes poderosas: o Renascimento artístico, que redescobria o corpo, e a curiosidade dos médicos, que, desejosos de compreender a doença, se debruçavam sobre os cadáveres. Em Florença, a Academia das Artes do Desenho instituiu o ensino obrigatório da anatomia e nas aulas desenhavam-se cadáveres. Surgiram os modelos de esfolados e, depois, os moldes anatómicos.

Vésale foi incumbido de rever os textos anatómicos de Galeno e apercebeu-se de que continham muitos erros. Vésale considerava Galeno o maior anatomista de todos os tempos, mas, pensava, podia ter-se enganado e, nesse caso, havia necessidade de assinalar os erros. Além disso, Galeno não pudera dissecar corpos humanos e baseara-se essencialmente na anatomia dos macacos. Vésale dissecava cadáveres e confiava no que via.

- 1 Oriundo de uma família de médicos, o pai era o boticário do Imperador Carlos V.
- 2 O seu verdadeiro nome era Jacques Dubois.
- 3 Passou horas no cemitério des Saints-Innocents e no patíbulo de Montfaucon, a examinar cadáveres.

Em 1543, no mesmo ano em que Copérnico publicou o *De Revolutionibus*, Vésale publicou, em Basileia, *De Corporis Humani Fabrica Libri Septem*, sete livros sobre a constituição do corpo humano, obra de 600 páginas, incluindo 300 pranchas anatómicas. A *Fabrica* marcou o início da anatomia humana moderna científica. Mais de duzentos erros cometidos por Galeno e pelos anatomistas antigos foram corrigidos com método, honestidade e rigor.

Este livro é uma das primeiras realizações da Ciência moderna⁴. A obra de Copérnico deslocou a Terra do centro do Universo, a de Vésale revelou a estrutura real do corpo humano. As gravuras foram executadas pelo seu conterrâneo Jan Steffen van Calcar. Temos na nossa biblioteca um exemplar fac-simile da *Fabrica*.

Muitas foram as publicações que se sucederam à *Fabrica*. Estienne, contemporâneo de Vesálio, que em 1545 publicou a obra *Dissecção do Corpo Humano*, Juan Valverde de Amusco, Adriaan van den Spighel, cujo tratado *De humani Corporis Fabrica Libri Decem* foi publicado postumamente, em 1627. Nos finais do séc. XVII a Anatomia fazia parte do currículo de estudos das Academias de Arte que eram criadas nas grandes cortes e cidades europeias.

Bernardino Genga publicou um dos primeiros livros de Anatomia destinado aos artistas, a *Anatomia per uso e intelligenza del disegno*. Continha 59 gravuras de Charles Errard e foi já concebido na recentemente formada Academia Francesa de Arte, em Roma. É um livro pensado para a prática, no desenho e pintura, de temas bíblicos e históricos. Contém gravuras de peças de escultura bem conhecidas, como o Hércules Farnésio e o Lacoonte, mostradas sob vários ângulos. No frontispício um dos esqueletos é alado.

Nos Países Baixos, Bidloo publica uma *Anatomia Humana Corporis*, com gravuras em cobre feitas a partir de desenhos de Gérard de Lairese (1640-1711). Lairese conviveu e foi retratado por Rembrandt. O seu aluno Albinus (1697-1770), professor de

4 TUBIANA, Maurice — *História da Medicina e do pensamento médico*. Lisboa: Teorema, 2000. ISBN 972 695 423 1. pp 131-134.

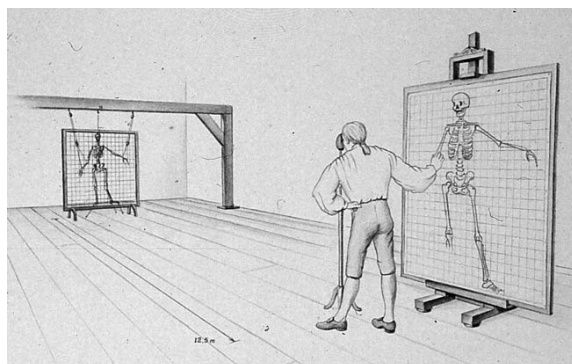


Fig. 6 — Albinus, *Tabulae*, 1747. Fig. 7 — Umberto Boccioni, *Formas únicas de continuidade no espaço*.

Anatomia em Leiden, com a colaboração do gravador Jan Wandelaar, publicou os livros *Tabulae Sceleti et Musculorum Corporis Humani* e 1747 e, em 1753, *Tabulae Ossium Humanorum*. Usaram uma grelha em frente do esqueleto a ser desenhado e outra a uma distância de quarenta pés.

No dealbar do séc.XX, ocorreram mudanças no mundo artístico e o estudo da Anatomia foi, por algumas escolas, encarado como antiquado e tendo um peso excessivo nos currículos de estudo. Nos últimos anos, uma grande quantidade de artistas nas áreas do Desenho, Pintura, Escultura, Ilustração e Imagem Digital estão a redescobrir a importância da Anatomia.

Os conhecimentos nesta área aumentam a criatividade, permitem uma aproximação ao Desenho com mais confiança e capacidade, melhoram a representação da figura quando feita de memória e sem a presença do modelo. O conhecimento da regra permite a liberdade de seguir uma orientação mais tradicional ou romper com ela e explorar interpretações alternativas da forma humana.